

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo Class.: PIP - BR 80 416

Data: 06.05.71

Pg.: _____

BR-80 corta o parque do Xingu

LUIS SALGADO RIBEIRO
Especial para "O Estado"

Já se acham em pleno desenvolvimento, no centro do Parque Nacional do Xingu, as obras de construção da BR-80, que ligará Brasília a rodovia Cuiabá-Santarem. Apenas um quilometro e meio de pantanos separam as frentes de trabalho avançadas do rio Xingu. A construção da estrada provocou uma luta surda entre os irmãos Villas Boas — que não querem civilizados no parque — e a Fundação Nacional do Índio, que defende o traçado da rodovia. Com a chegada da BR-80, o Parque fica ameaçado de extinção.

Todo o debate levantado em torno da preservação do Parque Nacional do Xingu é apenas parte da luta pela conquista e ocupação das matas, campos e cerrados da Região Centro-Oeste, que dentro de alguns anos será o maior centro de abastecimento de carne do País.

Nessa luta — que tem muito de pioneirismo, aventura, heroísmo e muito pouco de planejamento — estão empenhados, de um lado, construtores da estrada, centenas de fazendeiros, milhares de peões e o próprio governo federal. De outro lado, estão os irmãos Claudio e Orlando Villas Boas e aproximadamente 1.400 índios de 15 tribos diferentes. Os irmãos já estão vencidos. Eles não queriam impedir a ocupação do Centro-Oeste. Pediam apenas para que o traçado da estrada fosse desviado para não cortar 80 quilômetros bem ao centro do Parque Nacional do Xingu, o que provocaria mais um desastroso contato entre índios e civilizados.

A luta está terminada. A estrada já está no centro do parque, e ali chegou sem sofrer qualquer resistência ou hostilidade por parte dos indígenas, conforme ocorreu na construção de outras rodovias. Em breve, juntamente com o progresso do Centro-Oeste, a BR-80, segundo os sertanistas, levará aos índios toda sorte de doenças — desde a gripe comum até doenças venéreas — contra as quais eles não têm nenhuma resistência. E os silvícolas receberão uma civilização na qual não poderão ingressar, continuando como elementos marginais.

Contatos

Até agora, os contatos entre índios e brancos estão sendo feitos em clima de maior cordialidade. É a fase do "namôro". Os brancos dão aos selvagens tudo quanto desejam — principalmente alimentos e roupas — num misto de caridade e temor, pretendendo assim evitar ataques ou represálias. Por sua vez, os índios ainda respeitam a liderança dos Villas Boas e limitam suas visitas aos acampamentos ao tempo suficiente para receberem os presentes. Depois, voltam à selva.

No entanto, muitos etnólogos já se perguntam sobre a duração dessa amizade e o tempo necessário para que os índios comecem a contrair doenças ou a enfrentar atritos com os brancos.

Funai

Respondendo às críticas dos irmãos Villas Boas à constru-

ção da BR-80, disse o presidente da Funai, general Bandeira de Mello, que a estrada não vai criar problemas para os índios. O general foi ainda mais longe, ao criticar os métodos adotados no Parque. afirmou então que os "índios não são peças de museu" e que precisavam ser integrados na comunidade nacional. Enquanto se discutia o problema, o presidente da Funai chegou mesmo a propor uma solução para os índios: a extinção do Parque Nacional do Xingu. Ao mesmo tempo em que dizia não haver perigo para os índios com a construção da BR-80, o general Bandeira de Mello admitia, implicitamente, a possibilidade de choques com os civilizados, ao informar que será montado um sistema de policiamento na faixa do parque atravessada pela rodovia. O policiamento deverá impedir que brancos entrem em território indígena em busca de caça ou de presas.

Os irmãos Villas Boas — ago-

ra proibidos de conceder entrevistas — já apontaram, juntamente com conhecidos antropólogos, numerosos casos de tribos inteiras que foram destruídas pelo contato com a civilização. Tribos que conseguiram sobreviver a esse convívio estão agora marginalizadas dentro da sociedade, como os tupi-guaranis, no litoral sul do Estado de São Paulo, e os cain-gangues, do Paraná.

Algumas tribos do Parque do Xingu resumem-se a uns poucos índios ali mantidos sem contato com elementos civilizados.

Fazendeiros da região acreditam que poderão conviver pacificamente com os índios. Pensam mesmo em empregá-los como seus trabalhadores "por um salário justo" e dar-lhes melhores condições de vida. Para muitos antropólogos, isso poderia representar a destruição das estruturas tribais, que se conservaram intatas durante séculos.

Problemas

Os Villas Boas já pediram aos fazendeiros e trabalhadores das estradas que não deem presentes aos índios para não acostumá-los mal. Tendo facilidade para obter alimentos, eles abandonam suas plantações e passam a viver na dependência dos brancos. Quando os colonizadores se sentem seguros, não mais darão presentes nem comida aos indígenas. Isso poderá não ser entendido pelas tribos, que verão na negativa um gesto de hostilidade dos civilizados. E os atritos e choques voltarão com os costumes prejudiciais para a vida da região.

Houve medo

Joaquim José de Oliveira — "Paraíba" — encarregado da frente de obras da BR-80, narra o primeiro contato com os índios:

"Foi em janeiro. Era de tardezinha e o trator que estava na frente havia parado um pouco. O tratorista desceu e veio até à beira do riacho onde eu e outros operários estávamos comendo. De repente, um grito: "Olha os índios". Foi engarçado. Nós largamos tudo e corremos para atrás das árvores. Os índios, que estavam armados de arcos e espingardas de caça, se esconderam atrás do trator. Demos uns gritos para ver se eles iam embora. Responderam com outros gritos, que nos amedrontaram ainda mais. Tentamos iniciar uma conversa ainda escondidos — tanto nós quanto eles — mas ninguém entendeu ninguém. Isso durou alguns minutos, até que os índios saíram de trás do trator com as mãos levantadas. Entendemos que era um gesto de paz e, aos poucos, saímos do mata".

"Paraíba" conta que, a partir de então, acabou-se o medo. Os índios, em número de 14, eram chefiados pelo "capitão" Ironi, chefe de uma aldeia caiapó das redondezas, e que falava um pouco de português.

Naquela noite houve trocas de presentes: arcos e flechas por roupas e presentes, e os índios dormiram no acampa-

mento. No dia seguinte, fizeram uma pescaria com os trabalhadores da estrada. Os contatos agora são mais frequentes: uma ou duas vezes por semana.

Problemas

"Agora — dizem os trabalhadores da estrada — os índios estão mais confiantes, e, além de não trazerem presentes para troca, fazem pedidos em tom de ordem, com poucas palavras". O "capitão" Krumare, chefe de outra aldeia caiapó, exige comida dos engenheiros: arroz, feijão, açúcar. Certa vez, pediu de presente os filhotes de uma cadeia. Com muito tato, o engenheiro Guilherme Santana convenceu o chefe de que alguns filhotes já esta am prometidos a outra tribo. Krumare contentou-se com 4 cãeszinhos. O chefe caiapó já esteve diversas vezes em São Paulo, Rio e Brasília, e aprendeu muito acerca dos gostos culinários dos brancos. Quando aparece no acampamento, sempre exige macarronada para comer junto com os trabalhadores, "e com massa de tomate".

De garfo e faca em punho, o cacique come lautamente e, ao final, faz um elogio: "Comadre não sabe fazer comida boa assim". Comadre é o nome das mulheres dos índios.

Há uma razão para que todas as ordens de Krumare sejam atendidas prontamente. Os operários acreditam em muitas histórias que se contam a respeito do chefe caiapó. Dizem que ele é briguento e que já teria matado muitos brancos e índios daquele sertão. Krumare, por via das dúvidas, não confirma e nem desmente. "Isso bobagem", é sua resposta seca.

Criado o problema

Quase sempre, antes de partir, os índios fazem um pedido aos trabalhadores da estrada: "Não conte para Claudio que eu vim aqui". É um favor importante que os brancos lhes devem prestar.

Os índios não querem que os irmãos Villas Boas saibam que suas proibições estão sendo desrespeitadas. Tanto Krumare, como seu irmão Ironi e os demais chefes de aldeias entenderam, à sua maneira, os motivos das determinações: "Fumaça de trator traz gripe. Gripe mata muito índio. Caraiça traz muita doença", dizem. Caraiça é o nome que os índios dão aos brancos.

Embora os engenheiros e trabalhadores das frentes da estrada também entendam os motivos das proibições de contatos entre índios e civilizados, o medo é mais forte. Os operários preferem dar presentes e comida às tribos, que os procuram em seus acampamentos, a ter que enfrentar um possível atrito com os silvícolas, o que poderá resultar em mortes.

Mas o problema está criado. Os índios já se acostumaram a receber presentes e comida. Quando não mais houver necessidade desse tratamento, novos problemas surgirão. As tribos não gostarão de se ver esquecidas; e talvez queiram receber presentes à força. (Esta é a primeira de uma série de reportagens).



Do enviado especial

O "capitão" Krumare gosta de macarronada, mas "com massa de tomate"